

a bailarina de auschwitz edição para jovens edith eger

Tradução de Susana Clara

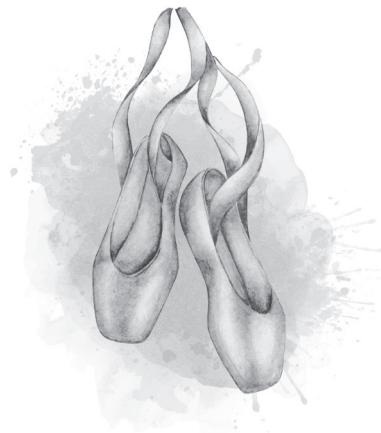




Gostaria de agradecer a Jordan Engle, meu neto, que não me deixou renunciar ao desejo de escrever um livro para um público jovem, que orientou e liderou este projeto, e que apoia o meu trabalho e legado.



Para as cinco gerações da minha família:
o meu pai, Lajos, que me ensinou a rir; a minha mãe,
Ilona, que me ajudou a encontrar aquilo de que eu precisava
no meu âmago; as minhas lindas e inacreditáveis irmãs, Magda e Klara;
os meus filhos: Marianne, Audrey e John; e os seus filhos: Lindsey,
Jordan, Rachel, David e Ashley; e os filhos dos seus filhos: Silas,
Graham, Hale, Noah, Dylan, Marcos e Rafael.



Nota da Autora



Caro leitor, há quase oitenta anos que escrevo este livro. Quando tinha dezenas de anos, ao sofrer na pele os horrores do Holocausto; ao testemunhar os meus filhos — e depois os meus netos e bisnetos — atingirem a maioria; quando dei aulas a alunos do ensino secundário e me tornei psicóloga especializada no tratamento de traumas; à medida que me fui apegando aos meus muitos e adorados pacientes e públicos em todo o mundo, já o escrevia na minha mente. Estava ansiosa para partilhar consigo as ferramentas que me ajudaram a sobreviver ao inimaginável, desejava que soubesse que a história da capacidade humana para o mal é também a história da nossa inexorável capacidade para ter esperança. Sinto a responsabilidade de revelar a minha história. De contar a verdade sobre o que aconteceu para que nunca o esqueçamos — e também de partilhar um legado de esperança e entusiasmo pela vida para que os meus pais e milhões de outros não tenham morrido em vão. Quero que o triunfo e a celebração da vida perdurem.

Este parece ser, finalmente, o momento certo para vos contar a minha história. Há pouco mais de um ano, a minha irmã Magda morreu — poucas semanas depois do seu centésimo aniversário. Percebi que, se não lhe

escrevesse este livro agora, poderia perder a oportunidade. Pelo que estou motivada pela minha própria mortalidade.

Também estou motivada pela *sua* vida. Vejo os grandes desafios que enfrenta no mundo de hoje, realidades inquietantes como a violência perpetrada com armas, a ciberviolência, as alterações climáticas, uma pandemia, níveis de ansiedade chocantemente altos, depressão, desespero, suicídio. Quero usar os meus noventa e seis anos neste planeta, o meu quase século de vida e evolução e cura, para ser a líder da sua claque e a sua defensora. Para lhe oferecer um plano emocional e espiritual para enfrentar a dor e a luta inevitáveis que vai encontrar. E quero dar-lhe algo escrito especialmente para si, nesta altura em que está a atingir a maioria, à medida que aceita o que herdou e suportou, e aceita a sua força e autenticidade, e escolhe construir a vida que mais deseja viver.

Com toda a gratidão, dedico-lhe este livro na esperança de que leia a minha história e sinta que não está sozinho neste extraordinário empreendimento de ser humano. Na esperança de que leia a minha história e pense: *Se ela consegue, eu também consigo!* Ofereço-lhe este livro para que também possa transcender a vitimização e escolha passar pela vida a dançar, mesmo em circunstâncias infernais. Conto-lhe a minha história para lhe dar poder para ser um embaixador da paz e um agente de escolha na sua vida. Presenteio-o com este livro para que possa viver como verdadeiramente é: precioso e livre.

Com todo o meu amor,
Edie

Outubro de 2024



Prólogo



Se pudesse condensar a minha vida inteira num momento, numa imagem estática, seria esta: três mulheres com casacos de lã à espera, de braços dados, num pátio árido. Estão exaustas. Têm poeira nos sapatos. Estão à espera numa longa fila.

As três mulheres são a minha mãe, a minha irmã Magda, e eu. Este é o nosso último momento juntas. Não temos consciência disso. Recusamo-nos a considerá-lo. Ou estamos demasiado cansadas até para especular sobre o que nos aguarda. É um momento de separação — a mãe das filhas, da vida como tem sido de tudo o que está para vir. No entanto, só em retrospectiva consigo dar-lhe este significado.

Vejo as costas de nós as três, como se eu fosse a próxima da fila. Por que razão é que me lembro da nuca da minha mãe e não do rosto? O seu longo cabelo está intrincadamente entrancado e preso no topo da cabeça. As ondas do cabelo castanho-claro da Magda tocam-lhe nos ombros. O meu cabelo escuro está enfiado debaixo de um lenço. A minha mãe está entre nós as duas, e a Magda e eu inclinamo-nos para ela. É impossível discernir se somos nós que a mantemos de pé, ou se é o contrário, a sua força o pilar que nos sustenta a mim e à Magda.

Este momento é o início das grandes perdas da minha vida. Durante oito décadas recordei-me, uma e outra vez, desta imagem de nós as três. Como se fazendo uma análise bastante minuciosa pudesse recuperar algo precioso. Como se pudesse retomar a vida que antecedeu este momento, a vida que antecedeu a perda. Como se isso fosse possível. Como se fosse possível voltar a esta época em que os nossos braços estavam unidos e pertencíamos umas às outras. Vejo os nossos ombros descaídos. A poeira agarrada às bainhas dos casacos. A minha mãe. A minha irmã. Eu.